

O CARÁTER DESFETICIZADOR DA ARTE NO CONTO “NEGÓCIO DE MENINO COM MENINA”, DE IVAN ÂNGELO¹

Andressa Kelly Lima Moura²
Elândia Ferreira Duarte³
Jefferson Nogueira Lopes⁴

Resumo

O artigo analisa o conto “Negócio de menino com menina”, de Ivan Ângelo, explorando a negociação entre crianças e um adulto sobre um pássaro capturado. A narrativa é examinada à luz das relações de troca no capitalismo e do conceito de fetiche da mercadoria, de Marx, aliado à desfetichização da realidade pela arte, conforme Georg Lukács. Conclui-se que o conto revela contradições nas relações humanas, destacando sua complexidade, bem como possíveis brechas de subversão no sistema burguês. Assim, a arte é vista como integradora entre subjetividade e coletividade, sendo um importante componente da educação humana.

Palavras-chave: arte; fetiche da mercadoria; relações de troca; desfetichização.

EL CARÁCTER DESFETICIZADOR DEL ARTE EN EL CUENTO “NEGÓCIO DE MENINO COM MENINA”, DE IVAN ÂNGELO

Resumen

El artículo analiza el cuento "Negócio de menino com menina", de Ivan Ângelo, explorando la negociación entre niños y un adulto sobre un pájaro capturado. La narrativa se examina a la luz de las relaciones de intercambio en el capitalismo y del concepto de fetiche de la mercancía, de Marx, junto con la desfetichización de la realidad a través del arte, según Georg Lukács. Se concluye que el cuento revela contradicciones en las relaciones humanas, destacando la complejidad y posibles fisuras de subversión en el sistema burgués. Así, el arte se ve como integradora entre subjetividad y colectividad, siendo un componente importante de la educación humana.

Palabras clave: Arte; fetiche de la mercancía; relaciones de intercambio; desfetichización.

THE DEFETISHIZING CHARACTER OF ART IN THE SHORT STORY “NEGÓCIO DE MENINO COM MENINA”, BY IVAN ÂNGELO

Abstract

The article analyzes the short story "Negócio de menino com menina", by Ivan Ângelo, exploring the negotiation between children and an adult over a captured bird. The narrative is examined in light of exchange relations in capitalism and Marx's concept of commodity fetishism, alongside the defetishization of reality through art, according to Georg Lukács. It concludes that the story reveals contradictions in human relations, highlighting complexity and possible gaps for subversion in the bourgeois system. Thus, art is seen as an integrator between subjectivity and collectivity, being an importante componente of human education.

Keywords: Art; commodity fetishism; exchange relations; defetishization.

¹Artigo recebido em 10/03/2025. Primeira Avaliação em 20/05/2025. Segunda Avaliação em 01/10/2025. Aprovado em 21/11/2025. Publicado em 10/12/2025. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v23i52.66911>

²Mestra em Letras (Literatura) pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGEL) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) - Brasil. Graduada em Letras Português pela Universidade Federal do Piauí.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3066715403288883>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9611-7718>.

E-mail: andressaklm011@gmail.com.

³Doutorando em Educação pelo Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE), Ceará - Brasil. Mestre em Educação e Ensino pelo Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3506916457857176>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-7832-1763>. E-mail: jeffnogueira23@gmail.com.

⁴Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) - Brasil; Professora efetiva da rede de Educação Básica na Secretaria Municipal de Fortaleza, Ceará (SME/CE). E-mail: elandiaduarte@gmail.com.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4131033067848251>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4969-187X>.

Introdução

A presente análise literária tem como objeto o conto “Negócio de menino com menina”, o qual abre o livro *O ladrão de sonhos e outras histórias*, publicado originalmente em 1994, pelo escritor mineiro Ivan Ângelo. Nesta análise, parte-se da constatação de que a narrativa, embora retrate uma negociação pueril, apresenta as principais categorias da sociedade capitalista: mercadoria, dinheiro e capital. Com isso, apresenta-se um paralelo entre o conto e a problemática do fetiche da mercadoria, conceito desenvolvido por Karl Marx em *O capital* para explicar a tendência de se atribuir qualidades místicas às mercadorias, fazendo com que estas transcendam o seu valor de uso⁵.

A investigação concentra-se, portanto, na análise das narrativas a partir das relações estabelecidas dentro da lógica capitalista, reconhecendo que a autoria as conforma de maneira simples e aparentemente ingênuas, mas sem perder a densidade crítica necessária. Buscamos, ainda, firmar a arte como elemento que pode se constituir como suporte desfetichizador da realidade, pontuando, assim, uma defesa sobre a importância do acesso e fruição de obras de arte na educação escolar.

Nosso objetivo é entender como os processos do capital estão presentes na narrativa, que reflete o universo de duas crianças e um adulto, ligados por um fio condutor: o mercado, uma vez que se trata de uma negociação. Para nos atermos ao que consideramos ser o ponto fundamental da narrativa, voltamo-nos para o modo como se constrói a subjetividade dos personagens, explorando as alternativas possíveis e os caminhos ou decisões tomadas por essas subjetividades. Tal construção é marcada pela tensão entre a lógica da relação de troca e o campo das relações humanas, sem desconsiderar a leveza e a simplicidade cotidiana, elementos característicos da obra e fundamentais para compreender a complexidade da trama. A análise demonstra que o conto está intrinsecamente relacionado à potencialidade desfetichizadora que a arte carrega.

O escritor mineiro Ivan Ângelo é autor de uma obra crítica, irônica, com temas de teor político e social. No entanto, isso não aparece de forma meramente engajada

⁵ Essa é uma categoria marxiana desenvolvida e bem debatida no primeiro volume d' *O Capital*, de Marx. De modo preliminar, podemos indicar que consiste na capacidade de um objeto satisfazer as necessidades humanas e na utilidade, ainda que exclusivamente afetiva, que tal objeto possa carregar. Adiante, discutiremos mais demoradamente essa relação.

e tendenciosa, mas revestida por denso conteúdo humano e artístico. Compreendendo que a arte é construto humano, invariavelmente ela carrega as marcas sociais de sua época. Uma obra de arte é, ao mesmo tempo, testemunho da subjetividade de seu criador e de seu momento histórico. Nesse sentido, Magalhães (2019) pontua que, segundo Lukács, só na arte é possível a afirmação de que não há objeto sem sujeito, isto é, não há objeto estético sem sujeito estético. Portanto, toda obra artística é, necessariamente, social.

Assim, embora a escrita de Ivan Ângelo seja reconhecida por trabalhar temas sociais, históricos e políticos, considerando inclusive seu percurso como jornalista, limitar sua obra a tais aspectos descaracterizaria sua produção artística. O teor social numa obra artística autêntica⁶ é consequência de um reflexo artístico comprometido com a realidade, “quando o destino humano é o fio condutor do reflexo” (Magalhães, 2015, p. 9).

Esse elemento é notório no livro mais conhecido do autor, *A festa*, de 1976, que ganhou o prêmio Jabuti⁷ naquele ano. Na obra, os dramas humanos, demarcados pelo contexto histórico marcante, são retratados por meio de personagens extremamente verossímeis e de várias camadas da sociedade. Desse modo, constitui-se como uma obra relevante para a literatura brasileira, por seu requinte narrativo, e por levantar questionamentos sobre o mundo e a maneira como nos relacionamos com ele, nos aspectos políticos, econômicos e sociais. É possível notar isso em momentos diversos da carreira do autor e em outros contos do livro *O ladrão de sonhos e outras histórias*, como em “Vai Dar Tudo Certo” e “Triângulo”.

Em relação à fortuna crítica do conto, encontramos em sítios acadêmicos dois artigos publicados sobre essa narrativa, intitulados: “Análise do texto ‘Negócio de menino com menina’, e *O ladrão de sonhos e outros contos* de Ivan Ângelo”, de Vanessa de Paula Zagnole, e “A construção dos sentidos em ‘Negócio de menino com menina’ de Ivan Ângelo”, de Flávia Soares e Maria Flávia Figueiredo.

⁶ A questão da autenticidade emerge aqui como categoria, e não como julgamento individual. Para Lukács (1965), uma obra que consiga cumprir sua função social, isto é, que alcance dialeticamente a relação entre a subjetividade humana individual e a subjetividade humana coletiva, ligando, assim, o indivíduo ao gênero, é uma obra de arte autêntica.

⁷ O Jabuti é um importante e tradicional prêmio literário brasileiro, existente desde 1959. Foi criado pela Câmara Brasileira do Livro e busca valorizar e difundir a produção nacional nas mais diversas áreas editoriais da literatura: ficção, não-ficção, poesia, científica etc.

O primeiro, parte da semiótica francesa; o segundo analisa a narrativa à luz da linguística textual. Ambos interpretam que a história é uma metáfora à iniciação sexual. No resumo, Soares e Figueiredo (2011, p. 652) afirmam: “[...] pudemos constatar que o leitor pode fazer uma associação de ‘passarinho’, no texto, por ‘objeto sexual’ masculino”. Isso, mediante a referências textuais implícitas e explícitas. Embora o termo “pássaro” possa apresentar diversos significados a depender do contexto, discordamos dessa abordagem que, em nossa análise, erotiza uma relação pueril e cotidiana, distorcendo os motivos da narrativa. Entendemos que, no campo da subjetividade, há uma iniciação em relação ao campo dos afetos, uma vez que a negociação estabelece uma relação de afetividade entre duas crianças, mediada por um pássaro. Esse animal, segundo Chevalier, no *Dicionário de símbolos* (1982), representa, entre outras coisas, a amizade.

Partindo dessas premissas, destacamos que, embora nossa análise se concentre na negociação e nas relações capitalistas de troca, não desconsideramos os aspectos subjetivos que também são inerentes a essas relações. O próximo tópico se debruça sobre as implicações que emergem da alienação e do fetichismo, abordando como essas categorias se relacionam entre si, com o intuito de nos apropriarmos dessa problemática para, enfim, trazer a análise literária mencionada.

Alienação e fetichismo no modo de produção capitalista

Vivemos sob os ditames do modo de produção capitalista. Marx (2017) demonstrou que, nesta sociedade, o trabalho é subjugado aos processos de reprodução do capital, assumindo características de atividade alienada. O produto do trabalho humano aparece de uma forma que passa a controlar e a oprimir os próprios seres humanos. “Numa palavra: entre os homens e suas obras, a relação real, que é a relação entre criador e criatura, aparece invertida — a criatura passa a dominar o criador” (Netto; Braz, 2007, p. 44).

Esse domínio operado pela lógica capitalista provoca uma relação fetichizada entre os seres sociais. Duarte (2012), a partir de preceitos marxistas, identifica o fetiche como um fenômeno que tem origem na religião. A ação fetichista no campo religioso repercute quando o indivíduo dedica os rumos e o destino da sua vida a um ser de caráter transcendente. O gênero humano desempenha um fetichismo ao se

afastar da sua própria humanidade e ao acreditar em poderes e forças transcendentais.

Além do fetiche religioso, a análise marxiana identificou outras implicações do fetichismo decorrentes do modo de produção capitalista. Em *O Capital*, Marx (2017) elabora uma reflexão em torno da mercadoria, revelando o caráter misterioso e fantasmagórico que envolve a produção de mercadorias e a exploração da força de trabalho.

De imediato, “[...] uma mercadoria aparenta ser, à primeira vista, uma coisa óbvia, trivial. Sua análise resulta em que ela é uma coisa muito intrincada, plena de sutilezas metafísicas e melindres teológicos” (Marx, 2017, p. 146). Ao abstrair sobre a mercadoria, Marx identificou que a produção de mercadorias não deriva apenas de seu valor de uso e de seu valor de troca, mas também do conjunto de força de trabalho humano empregado no processo produtivo, o qual é explorado por meio do assalariamento.

Assim, Marx (2017) denuncia o caráter fetichista da mercadoria. Nessa relação fetichizada, o gênero humano não se reconhece como o efetivo produtor das mercadorias em circulação, tampouco identifica as relações de exploração e opressão decorrentes desse modo de produção da existência. Para o autor, o caráter fetichista da mercadoria mascara as relações sociais e, consequentemente, as condições de produção. Naturaliza e obscurantiza a relação social envolvida no processo de produção e reprodução de lucro do capital, fazendo crer que a sociedade é imutável e insuperável.

Segundo a teoria marxiana, a superação efetiva da alienação, do fetichismo e do estranhamento só é possível com a superação do modo de produção capitalista e a efetivação plena da emancipação humana. Marx (2015) afirma que essa condição só pode ser alcançada por meio da abolição da propriedade privada, das classes sociais e do Estado burguês, em um processo revolucionário. Somente em uma sociedade emancipada, a vida genérica poderá atingir sua plenitude. Esse modelo societário, proposto por Marx, é o comunismo.

Apesar de não vivermos em uma sociedade emancipada, as possibilidades de objetivações que podem qualificar os seres humanos não são nulas. A despeito dos marcos contraditórios das determinações capitalistas, certas objetivações humanas nos permitem alcançar curtos momentos de inteireza humana. Complexos sociais

como a arte e a ciência repercutem a potencialidade qualitativa desse tipo de práxis. É nesse contexto que, no próximo tópico, analisamos o conto “Negócio de menino com menina”, de Ivan Ângelo, explorando como a arte pode criar cisões ao desmascarar a alienação e o fetiche.

“Negócio de menino com menina”: as relações de troca no capitalismo e a arte como possibilidade de desfetichização

Neste tópico, realizamos uma análise imanente do conto de Ivan Ângelo paralelamente ao debate do fetiche da mercadoria, conforme a problemática está posta na narrativa. Essa abordagem permitirá que a Literatura permaneça como objeto principal do nosso trabalho e contribua para o argumento de que a arte reflete a realidade objetiva de homens e mulheres do cotidiano, e, no texto analisado, especificamente de meninos e meninas, apresentando dramas profundos da humanidade mediante a narração de eventos triviais, mas significativos.

Ivan Ângelo publicou o livro *O ladrão de sonhos e outras histórias* em 1994, incluindo na coletânea o conto “Negócio de menino com menina”. A história narra, com diálogos simples, uma profunda negociação entre duas crianças e o pai de uma delas. Os personagens principais são um menino de aproximadamente dez anos, pobre, de roupas encardidas e pés no chão; uma menina na mesma faixa etária — rica, olhos azuis, pele clara; e seu pai, dono da fazenda de onde vinha o menino.

Ambos estão se locomovendo no carro do pai quando, ao divisar o menino na estrada, param e abordam o garoto, que caminhava segurando uma gaiola com um passarinho do tipo bico-de-lacre. A menina, vendo o pássaro, insistiu ao pai que o comprasse, “ela não considerava, ou não aprendera ainda, que negócio só se faz quando existe um vendedor e um comprador. No caso, faltava o vendedor. Mas o pai era um homem de negócios” (Ângelo, 1994, p. 10). O menino, por sua vez, recusou todas as propostas, repetindo que o animal não estava à venda.

O homem voltou para o carro, nervoso. Bateu a porta, culpando a filha pelo aborrecimento.

— Viu no que dá mexer com essa gente? É tudo ignorante, filha. Vam'bora.

O menino chegou pertinho da menina e falou baixo, para só ela ouvir:
— Amanhã eu dou ele para você.

Ela sorriu e compreendeu (Ângelo, 1994, p. 11).

O conto apresenta uma circunstância de negociação cotidiana, incorporado de um reflexo crítico da situação narrada. Em primeiro lugar, apresenta três categorias econômicas que são as instâncias fundamentais da sociedade burguesa: mercadoria, dinheiro e capital. A primeira, obviamente, é representada pelo pássaro; a segunda, pelas várias propostas feitas pelo pai. Já a terceira é a fonte de poder econômico plasmada em toda a descrição do pai rico e de sua filha. Essa fonte tem também como premissa a aquisição de meios de produção, como máquinas, fábricas, matérias-primas e mão de obra, visando à obtenção de mais-valia. O pai é descrito como o novo dono da fazenda, sendo, no caso, uma personificação do capital, ou seja, um capitalista. Para Marx,

a mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer. A natureza dessas necessidades — se, por exemplo, elas provêm do estômago ou da imaginação — não altera em nada a questão (Marx, 2017, I, p. 113).

Toda coisa utilizada para satisfazer alguma necessidade humana possui um valor de uso referente ao conteúdo material da riqueza do objeto. Em outras palavras, o valor de uso refere-se à utilidade ou capacidade de uma mercadoria em satisfazer uma necessidade humana específica. Cada mercadoria tem um valor de uso particular, o qual pode ser determinado por suas características físicas, propriedades ou função.

Na sociedade capitalista, os valores de uso servem de suportes materiais do valor de troca, que aparece como algo imanente e intrínseco ao objeto. As mercadorias se relacionam entre si; o valor de troca é o que estabelece essa relação na qual determinada mercadoria é trocada por outra. Geralmente, o que medeia essa troca é a forma dinheiro. O valor de uso distingue as qualidades da mercadoria; e o valor de troca distingue a quantidade. Marx explica que, para medir a grandeza de um valor, deve-se observar a quantidade de trabalho socialmente necessário nele contida. “É unicamente a quantidade de trabalho socialmente necessário ou o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de um valor de uso que determina a grandeza de seu valor” (Marx, 2017, I, p. 117).

No conto, o conflito consiste em que, para o menino, seu pássaro possui valor de uso derivado da imaginação, da fruição estética. Para o capitalista, que aparece como o pai negociador, possui valor de troca. Assim, o dilema é: o pássaro é ou não

uma mercadoria? Para o pai da criança, certamente o é. E lhe irrita o fato de o menino não querer vendê-lo, uma vez que o capitalismo transforma tudo o que toca em mercadoria.

Nesse sentido, Mészáros (2011, p. 96) afirma que o capital é

uma forma incontrolável de controle sociometabólico [...], que sujeita cegamente aos mesmos imperativos a questão da saúde e a do comércio, a educação e a agricultura, a arte e a indústria manufatureira, que implacavelmente sobrepõe a tudo seus próprios critérios de viabilidade, [...] desde as mais íntimas relações pessoais aos mais complexos processos de tomada de decisão dos vastos monopólios industriais, sempre a favor dos fortes e contra os fracos.

As mais simples criaturas e objetos da natureza, mesmo que possuam significado estético e/ou afetivo, são transformadas em mercadoria nesse tipo de sociabilidade. O pai considera o pássaro besta, porque não canta, ao que menino diz: “— É. Não presta para nada, é só bonito.” (Ângelo, 1994, p. 10). Apesar de não atribuir ao animal uma utilidade material, o garoto reconhece sua qualidade estética, sua beleza, e queria tê-lo mais um pouquinho. Em sua nervosa explicação, a criança argumenta que levou a manhã inteira para pegá-lo. Para o menino, o pássaro tem valor pessoal subjetivo, porque ele se dedicou àquilo, porque ele deseja mostrá-lo para sua mãe, possivelmente como um gesto de afeto. Ou seja, tem valor de uso, não tendo nenhuma relação com venda ou troca, não se constituindo, para o menino, como mercadoria.

Isso reflete o fato de que, como afirma Marx, uma coisa pode ter valor de uso sem ser mercadoria, caracterizada por possuir não apenas valor de uso, mas valor de uso social. “Para se tornar mercadoria, é preciso que, por meio da troca, o produto seja transferido a outrem, a quem vai servir como valor de uso” (2017, I, p. 119). A tônica da narrativa está no fato de que o menino reluta em aceitar que o objeto de seu afeto e fruição estética seja convertido em mercadoria.

Isso remete, ainda, ao título do conto, em que aparece a palavra *negócio*, destacando a tentativa de transação comercial focada meramente no valor de troca, algo tão presente no sistema capitalista, ao mesmo tempo que carrega as possibilidades existentes de busca da classe trabalhadora, em meio à desumanidade desse sistema econômico de fruir beleza e arte, de buscar minimamente enxergar e potencializar os valores de uso das coisas. Todavia, ao longo da narrativa, há pistas de que o significado usual de negócio é subvertido, pois o termo aqui não remete à

venda, mas a um vínculo de afeto e amizade simbolizado na figura do pássaro. Esse gesto demonstra que, em vez de serem trocadas, as coisas podem ser compartilhadas entre os seres humanos, para que todos tenham acesso a elas com liberdade.

Assim, o afeto, a ternura, as belezas das relações humanas não podem ser quantificadas e trocadas por dinheiro, ou não deveriam. O menino e seu pássaro são livres para ser o que são em suas qualidades subjetivas imanentes. Tal aspecto demonstra que a personagem não foi sujeita aos imperativos do capital, por utilizar parâmetros próprios, contrários aos do capitalismo, para medir o valor das coisas, por sua relação de pertencimento ao campo e à natureza. A menina, por sua vez, age de modo a sugerir que o dinheiro pode comprar tudo, e se frustra diante da relutância do menino em negociar.

Parte do modo de agir da menina, mais que mero capricho, é uma resposta ao fetichismo produzido pelo modo de produção capitalista. Para utilizar uma analogia do poder que esse efeito exerce, Marx (2017, p. 148) utiliza a religião como exemplo, pois nela os produtos do trabalho humano aparecem, de modo místico, nebuloso, “[...] como dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relações umas com as outras e com os homens”.

É válido ressaltar que o menino é uma exceção, não uma regra. Os produtores e os capitalistas, em geral, estão envoltos nessa aura mística do fetichismo da mercadoria: “[...] as relações sociais entre alfaiate e carpinteiro aparecem como uma relação entre casaco e mesa nos termos da razão em que essas coisas se trocam entre si, e não em termos do trabalho nelas materializado” (Bottomore, 1988, p. 243). Portanto, não se trata de fazer um juízo moral da atitude da menina, mas de analisar como o fetichismo pode se incorporar ou não desde cedo na vida dos seres humanos. Por isso, ela insistia e pedia pelo pássaro, “[...] como se o pai tudo pudesse” (Ângelo, 1994, p. 9).

Ela viu o animal, achou-o bonito e o quis. Essa atitude é tida como *natural* no capitalismo, sendo isto uma ilusão, pois se trata, desde sua origem, de um processo social. Em outras palavras:

as propriedades conferidas aos objetos do processo econômico, verdadeiras forças que sujeitam as pessoas ao domínio deste processo, são como que uma espécie de máscara para as relações sociais peculiares ao capitalismo. Isso dá lugar às ilusões quanto à origem natural dessas forças. Mas a máscara não é ilusão. [...] É assim que o capitalismo se apresenta: sob disfarce. Desse modo, a realidade

do trabalho social fica oculta por trás dos valores das mercadorias (Bottomore, 1988, p. 242-242).

A menina ou o pai não sabiam de todo o trabalho que o menino havia tido para capturá-lo. Parecia-lhes que o pássaro havia surgido na gaiola como que por um “feitiço”; e, da mesma forma, por uma quantia supostamente equivalente, mediante as palavras “compra pra mim”, poderia “brotar” também imediatamente em suas mãos.

Esse modo de agir evidencia a maneira fetichizada como se dão as relações no modo de produção capitalista, em que predomina não uma relação entre pessoas, mas entre coisas, resultando no fetiche da mercadoria — categoria na qual concentrarmos nossa análise. A fetichização no conto é levada ao limite quando o pai quer forçar o menino a converter o pássaro em mercadoria para satisfazer o capricho da filha. Primeiro, sequer há uma relação entre mercadorias, porque, para isso, é necessário transformar aquilo que não possui valor de troca em objeto de troca.

A insistente recusa do garoto deixa o homem sem recursos, já que seu único argumento era aumentar a quantia de dinheiro oferecida para, assim, coagir a criança. A coação é uma estratégia que o capitalismo utiliza muito frequentemente nos momentos de crise, principalmente por meio do aparato estatal. Sem sucesso, o homem afirma que aquilo o pertence, uma vez que ele é o proprietário da fazenda onde o menino pegou o pássaro. Ele recorre ao argumento da propriedade privada dos meios de produção, base sobre a qual se funda a exploração da força operária pelo capitalista, fundamentado, consequentemente, na divisão de classes. “ — Você pegou ele dentro da fazenda? — É. Aí no mato. — Essa fazenda é minha. Tudo que tem nela é meu” (Ângelo, 1994, p. 10). O menino apenas segurou com mais força a gaiola, acuado.

Segundo Marx (2017), quando um objeto é considerado pelo seu valor de uso, não há nada de misterioso nisso. A mistificação ocorre tão logo esse objeto apareça como mercadoria. Na vida cotidiana, o processo de produção do capital se dá de modo diferente, invertido: as forças produtivas do trabalho surgem como forças produtivas do capital. O desenvolvimento geral da sociedade desponta como uma consequência do capital, e não do trabalho. Em suma, cria-se a ilusão de que o capital dá trabalho ao operário, quando na realidade o trabalho operário criou o capital (Coggiola, 2021).

O capital é representado como uma coisa sem a qual o processo de trabalho seria impossível. Com isso, pelo menos dois objetivos são atingidos: ao tempo que aparece como eterno, pois não se poderia trabalhar e produzir sem ele, oculta a

relação entre explorador e explorado. Sem o fetichismo, as relações sociais entre os indivíduos e seus trabalhos apareceriam como relações pessoais. Mas, “[...] na medida em que os produtos do trabalho do operário separam-se dele e o dominam sob a forma de capital, todo o trabalho aparece para ele como tendo sido realizado pelo capital; o operário só teria realizado uma tarefa subordinada” (Coggiola, 2021, p. 106).

Com a orquestração do processo de fetichização mercantil — em que as mercadorias parecem se vender sozinhas — e de fetichização social — em que os produtos do trabalho parecem ter personalidade própria e capacidade de dominar quem os produz — as relações se dão não entre pessoas, mas entre coisas, não importando o caráter subjetivo intrínseco à produção ou posse de um objeto. Todo esse processo é envolto de uma aura misteriosa própria da mercadoria.

O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores (Marx, 2017, I, p. 147).

Assim, o dinheiro leva a fetichização ao limite. Este, segundo Coggiola (2021, p. 109), “[...] não é mais do que uma mercadoria criada pelos homens para servir de equivalente geral entre todas elas, e que assume uma personalidade própria, como se fosse capaz de comprar todas as mercadorias por ser dinheiro”, podendo comprar, inclusive, os próprios indivíduos que o criaram.

Desse modo, para o pai capitalista, não importa o significado que o pássaro tem para o menino pobre; e para o menino, não importa se com o dinheiro poderia comprar uma bicicleta velha ou dois pares de sapato. Importa-lhe não converter aquilo em mercadoria, pois, para ele, não havia equivalente entre o dinheiro e seu pássaro. Mas o fato é que o modo de produção capitalista, na maioria das vezes, impõe-se sobre tudo isso, e por mais que os indivíduos queiram agir de modo contrário à lógica capitalista, as estruturas os prendem, sobrepõem-se independentemente da vontade individual.

A narrativa, em sua capacidade de refletir a realidade das relações humanas, não deixa escapar as contradições do mundo que reflete. A fetichização é representada como algo não natural, como algo que é fabricado pelas relações de

troca entre mercadorias. O pássaro, necessariamente, tinha que ter algum equivalente com outra mercadoria: o dinheiro. Mas, como a arte possui uma fértil capacidade de desfetichizar as relações humanas, o conto não termina com o menino vendendo seu pássaro, como pressupõe a lógica.

O desfecho do “Negócio de menino com menina” acontece de maneira profundamente humana e é contraditória ao sistema: “O menino chegou pertinho da menina e falou baixo, para só ela ouvir: — Amanhã eu dou ele para você. Ela sorriu e compreendeu” (Ângelo, 1994, p. 11). O garoto não negocia com o pai, nem com o capital. Em sua humanidade, escolhe a relação entre pessoas em detrimento da relação entre coisas.

A cotidianidade da sociedade capitalista conserva aquilo que é próprio dessa forma de reflexo: a imediaticidade, a heterogeneidade, o pragmatismo das ações etc. Devido às características do capitalismo, especialmente a divisão do trabalho, os seres humanos do cotidiano, nesse modo de sociabilidade, tendem a desenvolver relações fetichizadas e alienadas, muito mais imediatas e heterogêneas do que em modos de produção anteriores.

Com isso, a narrativa apresenta para quem a lê muitas das contradições e dilemas impostos pela sociedade burguesa; porém, apresenta também, e nisso reside sua capacidade de provocar catarse, um horizonte, uma possibilidade para além do capital e suas máscaras. Conforme Lukács, o “[...] decisivo para nossos fins é que o conhecimento desfetichizador de algo que, em sua aparência imediata, é coisificado, o transforma de volta ao que é em si mesmo, em uma relação entre seres humanos” (Lukács, 1966b, p. 379 – tradução nossa⁸).

O filósofo explica que esse movimento é duplo: primeiro, há o desmascaramento de uma aparência falseadora que deforma a essência da realidade; o segundo aspecto da desfetichização surge como uma consequência dele. Nesse sentido, a retificação do papel dos seres humanos na história é, ao mesmo tempo, a salvação e o reconhecimento da importância da atividade humana.

Nesses termos, Lukács (1966b) afirma a missão desfetichizadora da arte, o que pode implicar tanto em uma refiguração da realidade quanto em uma tomada de

⁸ “Lo decisivo para nuestros fines es que el conocimiento desfetichizador de algo que, en su apariencia inmediata, es cósmico, lo retrasforma en lo que es en sí, en una relación entre hombres” (trecho no original).

posição em relação a ela, sendo uma crítica da vida. As grandes obras têm por característica reivindicar os direitos naturais dos seres humanos, os quais são frequentemente alienados no capitalismo (Moura, 2024).

No momento em que o menino resolve dar o pássaro para a menina, olhando para ela e não para a personificação do capital, a história diz para o leitor que existem outras possibilidades de agir no mundo, que as relações pessoais podem se dar entre pessoas e entre os indivíduos e a natureza, e não entre coisas fetichizadas. A narrativa não é ingênuo, pois não ignora o modo como ocorrem as relações entre seres humanos na sociedade capitalista; ao contrário, é significativamente realista, ao trazer essas contradições e sua força, demonstrando que elas não são a única possibilidade de se relacionar.

Diante disso, pode-se afirmar que o conto está em profunda consonância com o movimento histórico e dialético da realidade, não sendo determinista ou idealista, mas autêntico. O agir do menino no encerramento da “negociação” vai ao encontro da possibilidade da desfetichização das relações humanas. A arte, ao refletir essa situação, atesta também seu caráter desfetichizador, lembrando-nos de que não somos coisas, mas pessoas, com dores, alegrias, sentimentos e uma complexidade que não possui equivalente com nenhuma outra mercadoria, nem com o dinheiro.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi analisar as relações de troca no modo de produção capitalista e as possibilidades de desfetichização propostas pela arte em “Negócio de menino com menina”, de Ivan Ângelo. Ao final da análise, constatamos que as relações de troca na sociedade burguesa são inherentemente carregadas de vícios e fetiches, mas são também permeadas pelos aspectos subjetivos dos seres humanos que realizam essas trocas. No conto, o aspecto subjetivo carrega uma tomada de posição diante da vida, escolhendo as relações humanas em detrimento das relações entre coisas. Na recusa em tornar o pássaro uma mercadoria, as crianças o estabelecem como símbolo de amizade, atuando a favor do vínculo entre seres humanos e seus afetos, em lugar da troca mercadológica, que desumaniza.

Esta análise também pretendeu capturar o conteúdo humano da peça artística, observando como a fetichização ainda não é capaz de submeter todas as

individualidades e relações aos seus falseamentos. Na narrativa, o leitor observa as emoções dos personagens dando lugar à troca coisificada de mercadorias à medida que o menino resiste, de modo que a menina sorri e comprehende, algo que não encontra valor comparável em nenhuma moeda.

Quando se afirma que o pássaro é símbolo de uma iniciação sexual, como nos dois artigos já citados aqui, de Zagnole (2008) e Soares e Figueiredo (2011), compreendemos que essa interpretação tende para a fetichização, pois objetifica grosseiramente a narrativa e os vínculos infantis. Desconsidera a realidade e as contradições nela presentes, como as limitações e a força das lutas das classes sociais e o vigor da história humana. Nega, ainda, a totalidade do conto, as nuances apresentadas pelo autor na história e a riqueza humana das personagens.

Frente a isso, destacamos que, certamente, o texto literário é um espaço fértil para interpretações diversas. No entanto, essa abertura não implica ausência de limites: há fronteiras semânticas e formais que orientam o sentido, de modo que nem toda leitura se sustenta diante da materialidade e da lógica interna da obra.

Conceber a literatura como necessidade humana que se constitui a partir da realidade social, com determinações históricas e diretamente conectada com a subjetividade humana, aparece então como elemento capaz de mediar a análise da obra, evitando o reducionismo ou a negligência de seus aspectos imanentes.

A partir dessa compreensão, observamos como a literatura pode atuar em favor da desfetichização das relações humanas, ao mostrar que existem outras alternativas, outros modos de resistência contra os imperativos do capital e as objetificações impostas. No conto, uma das alternativas possíveis reside, sem dúvida, na escolha de tratar o conflito sob uma perspectiva humana, mediada por afetos como o amor, a amizade e a cumplicidade.

Em última análise, a conclusão ressalta que a literatura, ao transcender as fronteiras do capitalismo na representação das relações humanas, oferece não apenas um espelho da sociedade, mas também possibilidades de transformação dos modos de se relacionar e de mediar as relações. A arte, conforme defendido por Lukács (1966a) e discutido neste artigo, atua como um elo mediador entre a subjetividade individual e coletiva, promovendo a autoconsciência humana genérica. Ao experienciar obras que carregam traços desfetichizadores, é possível acessar a

realidade desnuda das limitações e imposições do capitalismo, ou, ao menos, tornar tais limites mais nítidos.

Por carregar esse potencial, a arte não pode ser negligenciada ou secundarizada, por exemplo, na educação escolar. Apesar de todas as contradições que permeiam a escola, é possível promover momentos desfetichizadores e catárticos por meio da fruição e da criação estética. Proporcionar vivências com obras de arte em si mesmas, sem as reduzir a meros elementos pedagógicos mediadores de outros conteúdos sistematizados, é uma forma de contribuir qualitativamente para a formação humana e estética dos estudantes.

Ao ter acesso à arte, o ser humano humaniza seus sentidos, amplia e qualifica sua autoconsciência humano-genérica. Fruir obras como o conto analisado neste artigo potencializa a humanidade presente em cada um de nós, e a escola deve ser mais um espaço onde tal formação possa se concretizar.

Essa postura deve ser assumida como um compromisso ético-político no âmbito da luta de classes. Lutar pela humanização e pela transformação da visão de mundo dos estudantes é uma prática que não pode ser negligenciada por docentes comprometidos com a superação da barbárie imposta pelo modo de produção capitalista.

Referências

- ÂNGELO, I. "Negócio de menino com menina". In: ÂNGELO, Ivan. **O ladrão de sonhos e outras histórias**. São Paulo: Ática, 1994.
- ÂNGELO, I. **A Festa**. São Paulo: Summus, 1976.
- BOTTOMORE, T. (Org.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CHEVALIER, J. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos formas, figuras, cores, números). 29. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.
- COGGIOLA, O. **Teoria econômica marxista: uma introdução**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- DUARTE, N. O bezero de ouro, o fetichismo da mercadoria e o fetichismo da individualidade. In: DUARTE, N. (Org). **Crítica ao Fetichismo da Individualidade**. 2. ed. Autores Associados, São Paulo, 2012.

LUKÁCS, G. **Estética**: la peculiaridade de lo estético. v. 1. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1966a.

LUKÁCS, G. **Estética**: la peculiaridade de lo estético. v. 2. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1966b.

LUKÁCS, G. **Para a ontologia do ser social**. Volume 13. Maceió: Coletivo Veredas, 2018a.

LUKÁCS, G. **Para a ontologia do ser social**. Volume 14. Maceió: Coletivo Veredas, 2018b.

MAGALHÃES, B. **A particularidade estética em Vidas Secas, de Graciliano Ramos**. 2. ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

MAGALHÃES, B. Diálogo quase amoroso do moderno com o contemporâneo: uma análise do conto “Vai”, de Ivan Ângelo. **Leitura, [S. I.]**, v. 1, n. 19, p. 13–27, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/6845>. Acesso em 19 de janeiro de 2024.

MARX, K. **O capital**: a crítica da economia política – livro I. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, K. **Cadernos de Paris & Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Tradução: Paulo Cezar Castanheira; Sérgio Lessa. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

MOURA, A. K. L. **Doze contos peregrinos, de Gabriel García Márquez, e o reflexo do drama latino-americano**: uma análise a partir da particularidade estética em Georg Lukács. 2024. 110f. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFPI, Teresina.

NETTO, J. P; BRAZ, M. **Economia política**: uma introdução crítica. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

NETTO, J. P. Apresentação: Marx em Paris. In: MARX, K. **Cadernos de Paris & Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SOARES, F; FIGUEIREDO, M. F. A construção dos sentidos em “negócio de menino com menina” de Ivan Ângelo. In: **Anais do SIELP**. v. 1, n. 1, 2011, Uberlândia: EDUFU, 2011.

ZAGNOLE, V. de P. Análise do texto "Negócio de menino com menina", de O ladrão de sonhos e outros contos, de Ivan Ângelo. **Estudos Semióticos, [S. I.]**, n. 4, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49219>. Acesso em 19 de janeiro de 2024.